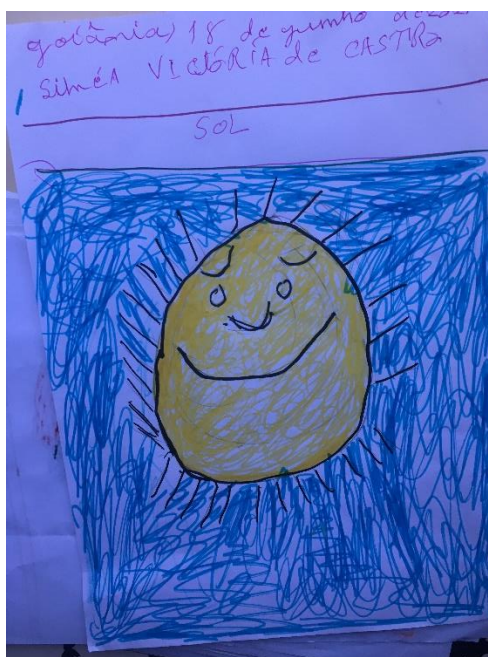


UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

Suzane Oliveira Andrade.



“E Se Eu Abrir Essa Porta Agora”

Ensinar e aprender:
a Arte do encontro
entre as diferenças

Goiânia - Go
2022

Termo de ciência e autorização – TECA

Obrigatório para disponibilização do material no repositório da UFG que é gerido pela Biblioteca Central – BC.



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE
ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar o produto final, a autora e a orientadora firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome completo da autora: **SUZANE OLIVEIRA DE ANDRADE**

Título do trabalho: **“E SE EU ABRIR ESSA PORTA AGORA” ENSINAR E APRENDER: A ARTE DO ENCONTRO ENTRE AS DIFERENÇAS**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)s autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado

durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Alice Fatima Martins, Professora do Magistério Superior**, em 04/04/2022, às 10:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **SUZANE OLIVEIRA DE ANDRADE, Discente**, em 07/04/2022, às 11:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2803638** e o código CRC **C45E82B9**.

Referência: Processo nº 23070.016530/2022-65

SEI nº 2803638

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

Suzane Oliveira Andrade

“E Se Eu Abrir Essa Porta Agora”

Ensinar e aprender:
a Arte do encontro
entre as diferenças

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais modalidade presencial, Faculdade de Artes Visuais - Universidade Federal de Goiás, cidade de Goiânia como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais. Orientadora: Prof.^a Dra. Alice Fátima Martins.

GOIÂNIA - GO
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Andrade, Suzane Oliveira

“E Se Eu Abrir Essa Porta Agora” [manuscrito]: Ensinar e aprender: a Arte do encontro entre as diferenças / Suzane Oliveira Andrade. - 2021.
LIX, 59 f.

Orientador: Profa. Dra. Alice Fátima Martins.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2021.

Inclui fotografias.

1. Artes Visuais, Pedagogias de Fronteira, Alteridade, Autismo. I. Martins, Alice Fátima, orient. II. Título.

CDU 7

FOLHA DE APROVAÇÃO Documento gerado no SEI/UFG, devidamente assinado por todos os membros da banca. É obrigatório constar a data de aprovação.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos quatro dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e dois iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**E SE EU ABRIR ESSA PORTA AGORA**” **ENSINAR E APRENDER: A ARTE DO ENCONTRO ENTRE AS DIFERENÇAS**”, de autoria de **SUZANE OLIVEIRA DE ANDRADE**, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais, da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Profa. Dra. Alice Fátima Martins - orientadora (FAV- UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. Elinaldo da Silva Meira (FAV-UFG), e Prof. M.e Jossier Boleão (Doutorando PPGACV/FAV-UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final, tendo sido o TCC considerado **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Alice Fatima Martins, Professora do Magistério Superior**, em 04/04/2022, às 10:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elinaldo Da Silva Meira, Professor do Magistério Superior**, em 04/04/2022, às 10:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOSSIER SALES BOLEAO, Discente**, em 04/04/2022, às 10:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2792119** e o código CRC **0F138C7C**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os envolvidos, neste longo caminho trilhado até aqui, de trocas, conhecimentos, experiências e descobertas, obrigada pelo apoio, carinho, inspiração e incentivo, sem vocês este ciclo não seria possível, meu muito obrigada! A minha família minha mãe minha rainha, pai e irmão, a meus queridos amigos e amigas e a meus irmãos e irmãs que a vida me presenteou. Agradeço a minha orientadora por essa linda parceria, de aprendizados e alegrias. E a Néa por me fazer professora.

Amo vocês eternamente.

Em memória de meus fiéis escudeiros, meus guardiões amigos, meus anjos da guarda de quatro patas; Saudoso Boris e saudosa Bela. Que os céus os tenham. Para sempre em meu coração.

“Ao trabalhar em ‘terrenos de fronteira’ os educadores transcendem-se a si próprios e aos limites que lhes são colocados pelas respectivas Estruturas institucionais e entendem que o outro não é uma ameaça, mas um recurso.”

Teresa Vasconcelos

RESUMO

Este trabalho trata da experiência em criar com arte, no contexto de educação não formal, cuja aprendiz tem o diagnóstico de transtorno do espectro autista. O processo é apoiado nas relações entre aprender e ensinar, orientado pelas proposições das pedagogias de fronteira, em que o preceptor, a preceptora primeiro escuta, observa, analisa e compreende a melhor forma de aproximar a pessoa aprendiz do pensamento artístico, apresentando propostas de interação com elementos da arte entre livros, materiais de linguagens artísticas tais como argila, pintura e desenho. A finalidade da proposta em questão consiste em propiciar a construção de uma expressão artística intuitiva e autônoma, baseada no sentir, no fazer artístico, dentro da contextualização entre o aprender e ensinar para então criar. Desse modo, se pretende proporcionar uma aproximação com as linguagens artísticas, auxiliando para o melhor desenvolvimento da relação das emoções. Por meio da arte buscamos desenvolver a empatia, no reconhecimento do outro, pois é no contato com o outro que entendemos melhor quem somos. A partir dessa relação de alteridade é possível aprender novas formas de se expressar, e acima de tudo de se humanizar.

Palavras-Chave: Artes Visuais, Pedagogias de Fronteira, Alteridade, Autismo.

ABSTRACT

This work deals with the experience of creating with art, in the context of non-formal education, whose apprentice is diagnosed with autism spectrum disorder. The process is supported by the relationships between learning and teaching, guided by the propositions of border pedagogies, in which the preceptor, the preceptor first listens, observes, analyzes and understands the best way to bring the apprentice person closer to artistic thinking, presenting proposals for interaction. with elements of art between books, materials from artistic languages such as clay, painting and drawing. The purpose of the proposal in question is to provide the construction of an intuitive and autonomous artistic expression, based on feeling, on artistic doing, within the context between learning and teaching and then creating. In this way, it is intended to provide an approach to artistic languages, helping to better develop the relationship of emotions. Through art we seek to develop empathy, in the recognition of the other, because it is in the contact with the other that we better understand who we are. Based on this relationship of alterity it is possible to learn new ways of expressing oneself, and above all of humanizing oneself.

Keywords: Visual Arts, Border Pedagogies, Alterity, Autism

SUMÁRIO

ENSAIO VISUAL 1.....	7
1. INTRODUÇÃO	10
1.1. O ALIENÍGENA, O OUTRO QUE NÃO SOU EU. A FRONTERIA	10
ENSAIO VISUAL 2.....	12
2.“UMA PORTA ABRIU E EU ATRAVESSEI.”	14
ENSAIO VISUAL 3	17
3.PEDAGOGIA DE FRONTEIRA. NOS DELIMITES, APRENDER.	22
ENSAIO VISUAL 4	24
4. MULTICULTURALISMO: O MUNDO É UM “ARCO-ÍRIS DE CULTURAS.....	27
ENSAIO VISUAL 5	29
5. TUDO JUNTO E MISTURADO: À PERSPECTIVA INTERCULTURAL	32
ENSAIO VISUAL 6	34
6. “TODOS IGUAIS E TÃO DESIGUAIS”	37
ENSAIO VISUAL 7	40
7.“APRENDIZADO COMO REVOLUÇÃO”	41
ENSAIO VISUAL 8	43
8.O OUTRO, E O ENCONTRO ENTRE AS DIFERENÇAS.....	47
ENSAIO VISUAL 9	49
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52

REFERÊNCIAS..... 53 e 54

ANEXOS 55 a 59.

ENSAIO VISUAL 1

Trabalhar com arte conversando com as pedagogias de fronteira me apresentou um desafio: o de conhecer, ou melhor, reconhecer o que vai além do limite da minha percepção de mundo. Assim me é possível aprender a ver desde o ponto de vista de outros olhos, com novos filtros. Na relação com a Néa, minha aluna, minha experiência foram ao encontro da experiência dela, e embarcamos nessa viagem de reconhecer o outro e a sua forma de existir, validando seus conhecimentos e sua forma de expressar. Assim a Néa também se posicionou em relação a mim: mesmo não me conhecendo, se permitiu se aventurar em aprender o que nós duas tínhamos para ensinar uma para a outra. Ser autista é uma condição, e não uma limitação. Ser diferente não significa ser incapaz.



Figura 1. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 2. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 3. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 4. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho escrito de conclusão de curso foi estruturado de maneira onde cada capítulo está articulado a um ensaio fotográfico composto por pequenos textos que contextualizam a escrita do respectivo capítulo. Os registros fotográficos foram realizados durante as aulas de artes que aconteceram no período de março de 2021 a novembro de 2021. Mas as aulas de artes não foram interrompidas ainda hoje. O presente trabalho conta a história do encontro entre a professora de artes que ainda estuda na Universidade para se tornar professora, e de sua aluna, que está disposta a aprender com ela sobre a arte. Este encontro me ensinou sobre as descobertas entre as diferenças tanto minhas quanto as dela também. Na apresentação do TCC em modo remoto foi apresentado o trabalho em formato de vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u6N5-f7kQ8&ab_channel=SuzaneOliveira

1.1. O alienígena, o outro que não sou eu. A fronteira.

Este trabalho teve como proposta desenvolver uma metodologia de trabalho orientada pelas pedagogias de fronteiras, em que o objetivo é possibilitar o encontro entre as diferenças, tendo em vista que cada um de nós somos seres distintos, multiculturais e únicos, mas que culturalmente aprendemos a nos afastar do desconhecido para poder se afirmar de alguma forma, e é sobre este isolamento cultural que a alteridade e o multiculturalismo vem combater neste projeto.

Etimologicamente falando, o conceito de *Fronteira* significa: “o limite de um território, que determina a sua extensão; extrema, limite, raia; demarcação de duas zonas ou territórios distintos; limite que separa duas coisas diferentes ou opostas” (VASCONCELOS,2009, p.12)

O alienígena é o outro, o que não sou eu. Aquele que vem de outro lugar, que existe de outra forma diferente da minha. No dicionário, alienígena significa estrangeiro ou forasteiro, no sentido figurado o que pertence a outros mundos. É preciso compreender que cada um de nós, seres humanos, somos únicos e temos nossas particularidades advindas não somente da herança genética, mas também

adquiridas através de nossas experiências, responsáveis por configurar nossa forma de agir e pensar.

Poética da Alteridade – Amarelo

O Amarelo, curioso e vibrante, queria aprender como era o Azul. Moveu-se na escala cromática.

Experimentou outros pigmentos que refletiam diferentes comprimentos de onda de luz. Deixou-se impregnar de não-amarelos.

Quando quis retornar à condição original, já não conseguiu se purificar dos muitos fragmentos incorporados no caminho. Tornara-se um intenso tom de Amarelo-Limão.

Por vezes sentia saudades do Azul, e retomava a posição do outro. Na volta, a cada vez, era um pouco menos Amarelo.

Um dia, percebeu que já não pertencia à categoria dos amarelos.

Tampouco dos azuis.

Tornara-se Verde. Ainda aberto a transformações.

(MARTINS, 2011)

Neste poema escrito por Alice Fátima Martins, professora do curso de Artes Visuais pela UFG, podemos observar de maneira lúdica e poética como a curiosidade pode abrir caminhos a novas experimentações resultando em novas práticas com novas perspectivas, através do exercício da desconstrução de velhos paradigmas que não auxiliam na nova empreitada de reconstrução do novo. Afinal, poder se reinventar, é se permitir trocar de tom, é ver de outro ângulo é entender que o outro ajuda a definir quem somos. Pois é nas diferenças que nos completamos, somando e não diminuindo, acrescentando e sim redescobrimo. Ou seja, como menciona o sociólogo Boaventura Sousa Santos; na fronteira [...] “Construir um mundo novo, inventar novas formas de sociabilidade, atravessar terras de ninguém entre limites variáveis.” (SANTOS. 2000.).

ENSAIO VISUAL 2.

Superar as dificuldades no âmbito da aprendizagem é mais que um processo apenas cognitivo ou intelectual, ele se dá no encontro complexo entre os diversos e distintos aspectos da vida do aluno (a), afinal não tem como separar a aprendizagem fora do indivíduo, isso acarretaria em não considerar suas emoções advindas das diferentes etapas de sua vida. Portanto, a compreensão das dificuldades no processo de aprender não pode ser entendida de modo universal, assim como os métodos de diagnósticos o fazem. Entender e valorizar minha aluna com autismo como pessoa capaz de aprender e compreender, torna o processo de aprendizado como um percurso único e significativo, processo esse determinado pela peculiaridade de cada aprendiz enquanto indivíduo transformando-a em protagonista do seu próprio processo de aprender.



Figura 5. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 6. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 7. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.

2. “UMA PORTA ABRIU E EU ATRAVESSEI.”

Minha aluna se chama Silnéa Victória de Castro. Carinhosamente a chamamos de Néa. Ela foi alfabetizada, de modo que aprendeu a ler e a escrever. Porém devido a sua condição, ela possui algumas dificuldades de interpretação e no desempenho de algumas atividades propostas. Mas, não obstante, Néa possui força na personalidade, típica de quem já tem uma idade experiente. Além disso, apresenta um instável e complexo senso de humor, mas com a sinceridade e bondade de uma criança. Aceitei o convite e o desafio de dar aula particular de arte para uma senhora com 68 anos de idade. Na época, ela já possuía o diagnóstico de deficiência intelectual decorrente do transtorno espectro autista e transtorno opositor desafiador. Eu não tinha a menor ideia das implicações do quadro, nem de como procederia. E foi exatamente o fato de não saber que me moveu a querer descobrir. [...] “As pessoas inventam o conhecimento não para mentir, mas para encobrir o desconforto em admitir o quão pouco sabem (Donnellan, 2010, p.85).”

De início começamos com duas aulas de artes por semana, com duração de 2 horas cada aula. Primeiramente comecei observando o que existia de disponível, tanto materiais quanto bagagem de conhecimento, eu ainda não a conhecia e cabia a mim fazer o exercício da descoberta. Néa já possuía vários livros literários e foi a partir deles que começamos a desenvolver nossos trabalhos de arte, busquei referências em seus livros; formas, cores, desenhos que trouxessem afinidade com as experiências que minha aluna já carregava consigo. O material artístico adequado facilitou o processo de aprendizado com algumas técnicas básicas de pintura por exemplo, utilizar uma aquarela que não fosse em tubo já facilitaria muito, pois a Néa poderia passar toda a aula tampando os tubos ao invés de se concentrar na prática, a aquarela que vem em caixa pronta para ser molhada e usada no papel é a mais adequada para alunos que têm uma tendência a se desconcentrarem mais facilmente, a proposta das aulas era escolher as respectivas imagens dos livros e tentar recriá-los no papel, foi incrível ver como ela realmente conseguia prestar atenção nos detalhes e fazer bons desenhos, diferentes das garatujas que anteriormente ela fazia, ela só precisava de uma oportunidade de desenvolver sua autonomia artística. Com o passar do tempo outros materiais foram sendo introduzidos nas aulas, como giz pastel seco e oleoso, lápis de cor e até mesmo argila. Mas o que minha aluna realmente demonstrava gostar de fazer, era pintar, apenas manusear o pincel

levemente para lá e para cá, como se as mãos dançassem no papel em um ritmo de dança suave e contínuo, como numa valsa capaz de produzir cores. E foi a partir daí que percebi que ela estava pronta para pintar de maneira mais intuitiva e autônoma sem interferência de referência ou palpite, então comecei a propor pinturas abstratas com tinta aquarela ou pastel oleoso, e o resultado foi surpreendente, ela fazia gestos leves e delicados com as cores formando distintas combinações de cores e formas, todas postas no papel livremente, como se as cores acompanhassem os passos das mãos que dançam.

É muito importante investigar vários tipos de materiais e técnicas, pois cada um gera um tipo diferente de contato criando importantes experimentos no desenvolvimento do caminho das artes.

A psicopedagoga Silvia Ester Orrú traz uma importante reflexão:

[...] o desejo de ensinar e aprender com seus aprendizes, urge à necessidade de compreender que muitas das respostas sobre o processo de aprender só podem ser conhecidas se o professor se propuser conhecer seu aprendiz, aquilo que ele está dizendo ou mesmo através de seu silêncio, que também tem um significado, mesmo que sejam de outras maneiras, inclusive de modos incomuns de se expressar. (ORRÚ, 2016, p.151).

Compreendi que de início precisaria aprender com a minha aluna a melhor forma de ensinar arte a ela. Isso só seria possível num exercício intenso de alteridade. Em outras palavras, na descoberta, com 'o outro' que difere de mim, como é a sua percepção das coisas, como esse outro concebe, assimila e se expressa no mundo. Para Rancière (2002, p.82), "a igualdade das inteligências é o laço comum do gênero humano, a condição necessária e suficiente para que uma sociedade exista." Ainda de acordo com o autor, se conseguíssemos nos entender como iguais encarando como cada indivíduo carrega suas particularidades complexas e únicas, entenderíamos que não são essas 'diferenças' que nos separam, mas que é a partir das distintas particularidades de cada um que nos constituímos humanos e que é isso que nos aproxima.

Para Teresa Maria Vasconcelos professora coordenadora principal, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa, a metodologia de pedagogia de fronteira contribui para que as aprendizagens entre alunos e professores sejam dotadas de sentido e que tenham significado, envolvendo os alunos "na resolução de problemas reais ou na busca de respostas desconhecidas." (VASCONCELOS, p.9) Ou seja, o intuito de trabalhar com a pedagogia de fronteira é

estreitar os laços, atravessando as fronteiras, percebendo o outro que mesmo diferente de mim ajuda também a me constituir e é através dessa prática que podemos entender melhor o sentido e o significado para razão das coisas. Em 1959, John Dewey filósofo e pedagogo norte americano explica:

Preparar para a vida será pôr o aprendiz em condições de projetar, de procurar meios de realização para seus próprios empreendimentos e de realizá-los verificando pela própria experiência o valor das concepções que esteja utilizando (1959, p. 47).

Para Dewey, o ensino é responsável por criar oportunidades de aprendizagem que estimulem a empatia e o entendimento da democracia, contribuindo para a efetividade social dentro do ensino, estimulando o encontro e o convívio com as diferenças. Afinal, “Ao trabalhar em terrenos de fronteira os educadores transcendem-se a si próprios e aos limites que lhes são colocados pelas respectivas estruturas institucionais e entendem que o outro não é uma ameaça, mas um recurso.” (VASCONCELOS, 2009, P.8)

ENSAIO VISUAL 3

No caminho de ensinar e aprender, docentes têm o papel fundamental de orientar o percurso de quem aprende, oportunizando a busca dos eixos de interesses. A partir daí, potencializam-se suas habilidades descobertas. Tive a oportunidade de aprender, com a minha aluna, que existem diferentes tipos de padrões de pensamentos e que eles precisam ser explorados, com empatia e respeito com a alteridade, atravessando, se conectando e se permitindo nos deslimites, aprender.



Figura 8. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 9. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.

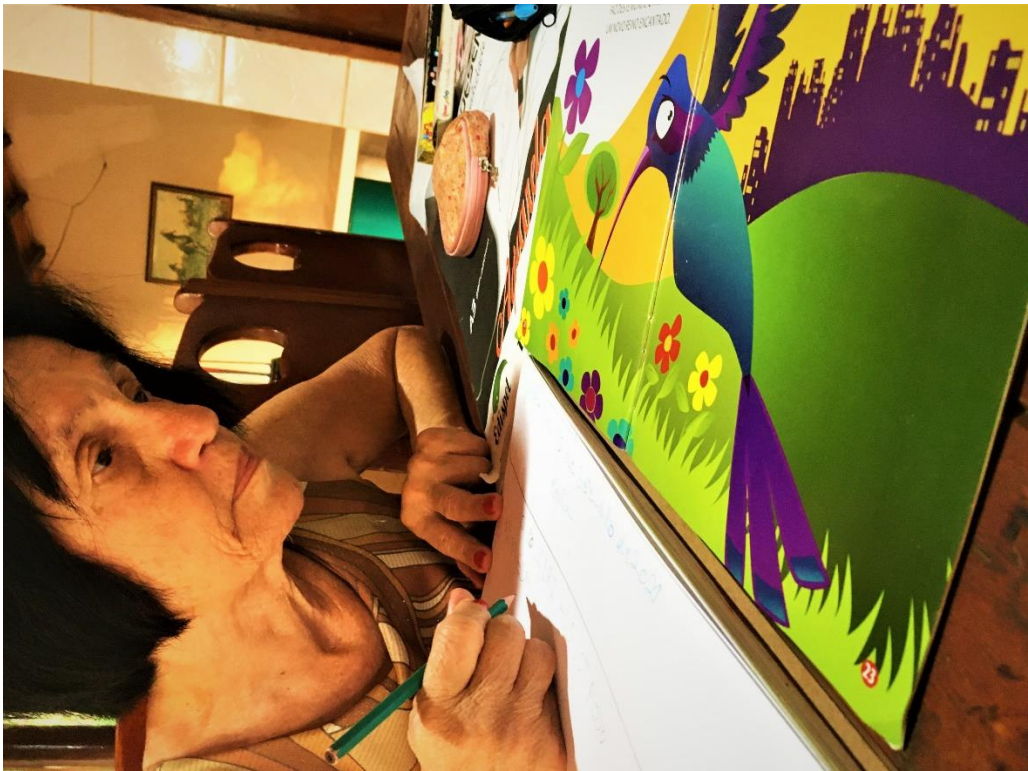


Figura 10. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 11. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.

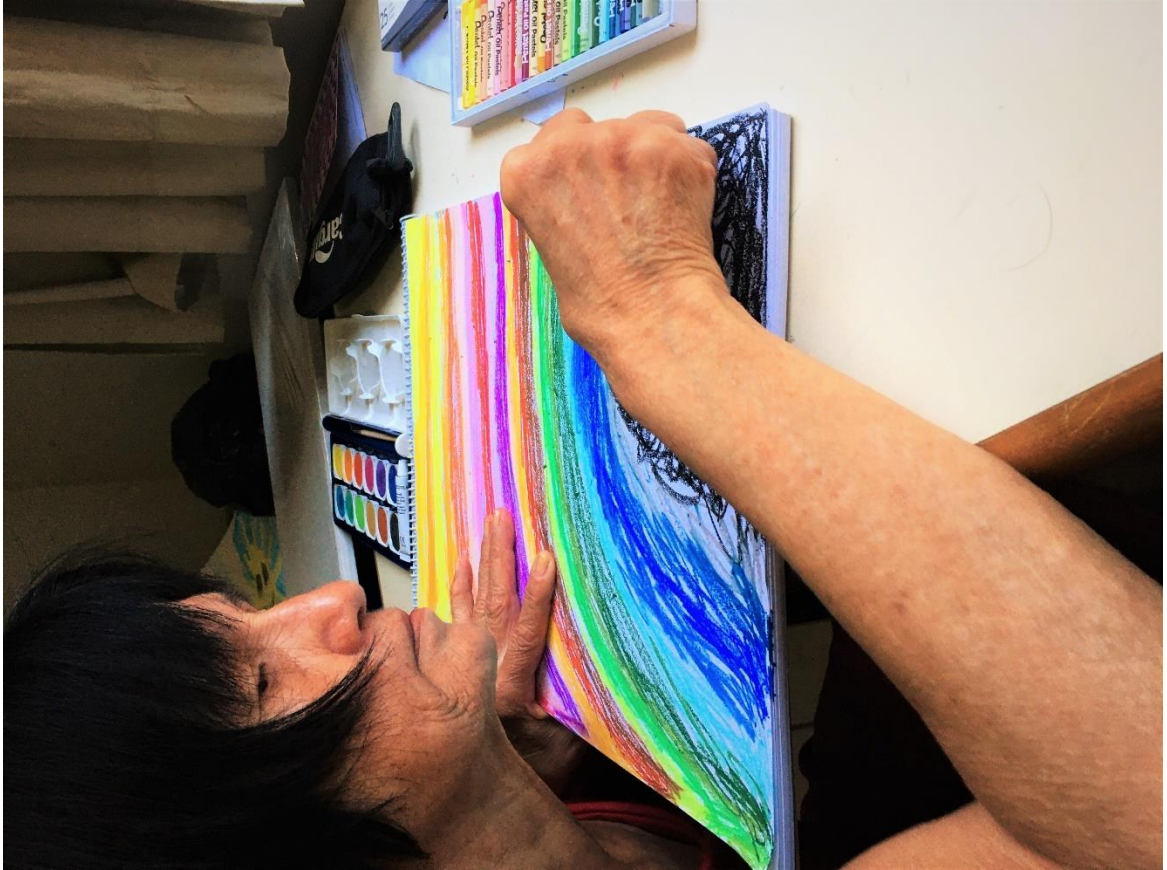


Figura 12. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 13. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.

3. Pedagogia de Fronteira. Nos deslimites, aprender.

Encontrei dentro da metodologia de pedagogia de fronteira uma oportunidade de desenvolver o meu processo de aprendizagem no ensino de arte com aprendiz com Necessidade Essencial Específica (NEE), visto que a metodologia defende a busca de significação entre ensinar e aprender, para que cada arte educador(a) possa perceber, analisar e criar a partir da fronteira como atravessá-la. Segundo Ramos, de acordo com os conceitos da física “a utilização do conceito de fronteira, deve ultrapassar uma aceção meramente geográfica (aquilo que divide) para uma aceção muito mais desafiadora, que é a que permite trocas entre sistemas.” (RAMOS s.d, p.10 apud VASCONCELOS, 2011, p. 11).

À escuta, observação e análise foram relevantes para o meu processo de conceber e ensinar arte. Ou seja, busquei entender a melhor forma de primeiro aprender diretamente com a minha aluna de que maneira a orientar. Nesse sentido procurei expor atividades que desenvolvam o pensamento artístico, gerando curiosidade e entusiasmo. De início utilizei de livros de literatura que ela mesma já possuía para a contextualização de imagem e releitura auxiliando na aprendizagem da experiência estética. Posteriormente, já conquistada afinidade com os materiais artísticos comecei a propor pintura abstrata, para que minha aluna pudesse de maneira mais autônoma se expressar de modo intuitivo e independente através da pintura.

A pedagogia de fronteira possibilita ao aprendiz ser o protagonista da sua viagem (KLIEBART, 1975 apud VASCONCELOS, 2011, p. 9). Ou seja, dentro da sua experiência o aprendiz pode contar com a orientação de um guia, no caso o professor, assim o aluno não está sozinho na sua vivência, mas acompanhado de uma orientação durante o seu percurso no caminho do desenvolvimento a favor de novos e abrangentes conhecimentos. Emancipando esse aluno para além de uma categoria passiva recebedora de informações, mas gerando um astuto investigador criativo. Para a filosofia, o conceito de fronteira não significa apenas “separar” pois a fronteira também permite conexões, formando uma ponte que liga um caminho a outro, resultando no que seria então “viver na fronteira”, podendo transformar essa experiência fronteira em uma “modalidade pedagógica”. Ultrapassando o que está adiante desta fronteira, deste limite, trazendo para perto aquilo que desconhecemos

para entender melhor sobre o inexplorado. Utilizando da diversidade do *eu* e do *outro* como forma de criar várias possibilidades para o desenvolvimento em prol do conhecimento. Quando convivemos com a diversidade desde muito cedo aprendemos sobre a pluralidade de existir, sobre as várias e infinitas formas de ser e estar neste mundo, compreendendo de maneira sensível que a diferença acontece em todos nós, e que cada ser humano tem suas particularidades algumas detectáveis pela visão por exemplo, já outras mais complexas e internas podem estar guardadas em lugares muito mais ocultos até mesmo para a própria pessoa, dentro do inconsciente esperando uma oportunidade de vir à tona.

As configurações do pensamento fronteiro também compreendem a diversidade de identidades culturais, reconhecendo que existem várias outras tradições e manifestações artísticas advindas de outras culturas que não participam do eixo hegemônico da colonização europeia. Ou seja, trabalhar com a pedagogia de fronteira é uma forma transgressora de pensar as diferentes esferas culturais existentes no mundo, colocando em xeque a questão do monopólio cultural para então desconstruir e construir novas perspectivas mais justas e éticas nas formas de agir e pensar *o outro*.

ENSAIO VISUAL 4

Durante a minha experiência como professora da Néa, me coube a missão de proporcionar, a ela, aprendizagens, partindo de suas diferentes e particulares demandas. Por exemplo, eu poderia experimentar distintas linguagens artísticas para uma vivência rica em possibilidades: pintura, desenho, argila... podíamos, até mesmo, ensaiar canções favoritas de seu repertório. Portanto, foi necessário organizar propostas não excludentes a partir de uma atmosfera multicultural, abarcando distintas linguagens a favor de uma construção para uma aprendizagem mais generosa, empática e abarrotada de pluralidades e de significados, pertinentes na elaboração do ensino para todos os aprendizes.



Figura 14. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 15. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 16. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 17. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.

4. MULTICULTURALISMO: O MUNDO É UM “ARCO-ÍRIS DE CULTURAS”

A noção de Multiculturalismo assume a diversidade e as pluralidades culturais existentes entre as comunidades humanas de que se têm notícias, no planeta. Refere-se as etnias, gêneros, sexualidades, religiões, classes sociais, idades, necessidades especiais, dentre outras. Esta relação com as diferenças também evidencia violentos conflitos. Para Boaventura Sousa Santos é preciso ser capaz de “ver” as diferenças no mundo, e que mesmo quando se tem toda a capacidade fisiológica em perfeito estado, algumas pessoas possui um certo tipo de cegueira com as dissemelhanças um certo tipo de “daltonismo cultural” (SANTOS, 1995). Como se essa parte da população não pudesse de fato conceber sobre a própria heterogeneidade, Isso significa que uma parcela da população não se sente afetada pelas desigualdades existentes no mundo, esse tipo de neutralidade expõe uma difícil constatação, a de que sem sombra de dúvidas estamos em uma sociedade que ainda ignora as diversas formas de existir e de se expressar, repercutindo ainda nos dias de hoje o preconceito velado contra aqueles que não participam da cultura dominante. A noção de identidade cultural é uma questão debatida na contemporaneidade, trazendo discussões pertinentes como por exemplo o domínio das relações de poder de determinadas culturas consideradas soberanas em relação as demais. Resultando em uma segregação onde uma parcela da população que não participa de uma identidade cultural soberana é considerada marginalizada e sua ancestralidade é condenada, na fala de Stuart Hall [...]Uma vez que a direção do fluxo é desequilibrada, e que continuam a existir relações desiguais de poder cultural entre "o Ocidente" e "o Resto"[...] (HALL. 2006, p.78). A problemática que envolve a homogeneização da cultura se reflete diretamente na educação, e evidencia o abismo em que vivemos diante da desigualdade social. Este levantamento está vinculado aos apontamentos feitos por aqueles que se preocupam e questionam sobre a desigualdade que parte dessa segregação à partir da monocultura existente. A questão do multiculturalismo não nasceu dentro da academia, ela parte justamente da parcela da população que sofre com esse desequilíbrio.

São as lutas dos grupos sociais discriminados e excluídos, dos movimentos sociais, especialmente os referidos às questões étnicas e, entre eles, de modo particularmente significativo entre nós, os referidos às identidades negras, que constituem o lócus de produção do multiculturalismo. (CANDAUI, 2008, p.18)

ENSAIO VISUAL 5

O apreço pelo diagnóstico é cada vez mais popular na sociedade contemporânea. Não se questiona o quanto um laudo padrão, que segue um modelo universalista, ou universalizante, pode afetar a vida de uma pessoa singular, ignorando a diversidade, a subjetividade, a singularidade de cada um. Ao contrário, tem em conta apenas o quadro sintomático advindo do autismo e de suas condições consideradas patológicas (por exemplo, os movimentos estereotipados), coisificando e limitando o indivíduo. Fora do diagnóstico estão suas motivações, experiências e histórias de vida.

Na minha experiência, a perspectiva intercultural oportunizou driblar amarras concretas de um diagnóstico reducionista capaz de fazer a sociedade, e ela mesma, desacreditar de seu desenvolvimento e de suas habilidades como ser dotado de inteligência, bagagem e cultura. Contornar as determinações decorrentes de um tal diagnóstico foi possível tendo em vista do real potencial da minha aluna. A perspectiva intercultural aposta no intercâmbio de práticas e conhecimentos entre as pessoas de distintas culturas e contextos, buscando um novo sentido através das diferenças.

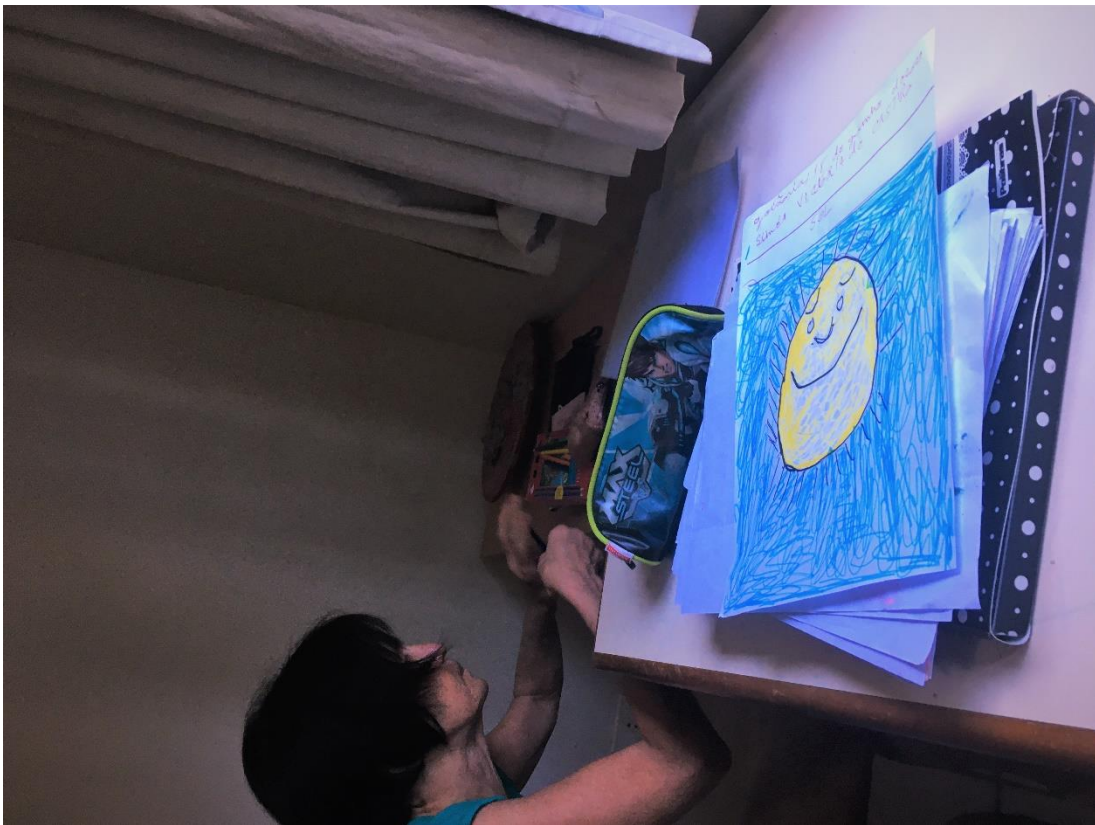


Figura 18. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 19. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.

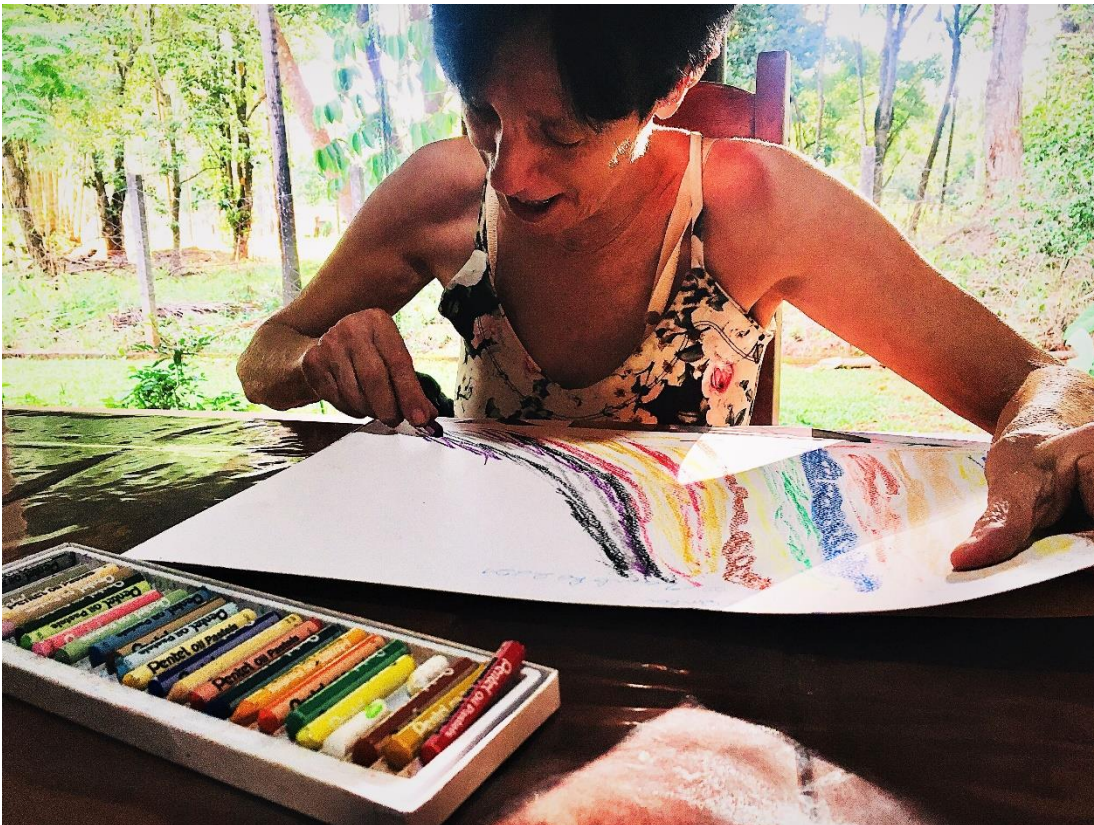


Figura 20. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 21. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.

5.TUDO JUNTO E MISTURADO: À PERSPECTIVA INTERCULTURAL

Exercícios de alteridade – azul

Levava uma vida relativamente tranquila, sem maiores sobressaltos. Às tantas, entediou-se. Desejou experimentar outras emoções. Na ribalta, deixou-se banhar pelas luzes derramadas das varas de spots e canhões de luz.

Um calor invadiu-lhe as partículas quando as luzes vermelhas arroxearam-no, e riu-se de cócegas quando os amarelos animaram-no em tons de verde. Quando diminuiu a intensidade das luzes, tornou-se soturno e profundo. Mas retomou a vivacidade quando as luzes derramaram-se em jorros cada vez mais intensos. Teve, mesmo, a impressão de que poderia se diluir no branco. Já não estava tão certo a respeito de sua tonalidade original. Afinal, o azul que julgava ser não era, de fato, absoluto. Sofria os efeitos, também, das relações que estabelecia com o meio, oscilando de acordo com as luzes e as sombras sobre ele projetadas no decurso dos dias e das noites.

(MARTINS, 2011).

Com o poema “Exercícios de alteridade – azul”, podemos pensar sobre o sentido da noção de interculturalidade. Para Alice Fátima Martins, as cores, distribuídas na paleta, cada qual em seu lugar, podem ser pensadas pela noção de multiculturalidade. A multiculturalidade reconhece a existência da diversidade, mas não necessariamente envereda pela interação. Quando as cores começam a se misturar, gerando novos tons, pode-se pensar em interculturalidade. O prefixo Inter implica em relação que pode resultar no novo, enquanto o multi supõe a constatação da diversidade, mas não necessariamente a relação entre.

Essa perspectiva promove a inter-relação dos grupos culturais diversos que existe na sociedade contrapondo ao favoritismo de identidades culturais exclusivas, para não dizer excludentes, desacreditando de um padrão cultural hegemônico e estático, articulando então para uma edificação de identidades culturais plurais e mutáveis, pois percebemos no decorrer da história da humanidade que não existe uma única cultura, uma única forma de se expressar ou pensar, fomos colonizados por diversos povos, mas sabemos qual detém a soberania dessa disseminação cultural padronizada e excludente. O intuito desta perspectiva intercultural dentro do âmbito da educação é possibilitar um ensino plural que proporcione a percepção do outro.

Para Catherine Walsh (MOREIRA; CANDAU, 2008) a interculturalidade é:

Um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua,

simetria e igualdade." Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença. Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados. Uma tarefa social e política que interpela ao conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade uma meta a alcançar. (Walsh, 2001 apud MOREIRA; CANDAU, 2008, p. 23 -24.)

Para poder trabalhar dentro do ensino com as pluralidades existentes é preciso exercer a prática da desconstrução sobre os métodos já enraizados e concretizados na educação, possibilitando aos educadores novas formas de pensar e construir um novo pensamento para além de quem somos e de onde viemos, mas também exercitando à descoberta e o reconhecimento do outro, aquele diferente de mim mas que assim como eu venho de algum lugar. Este processo em aproximar as diferenças muita das vezes resulta em conflitos e violência, e cabe ao professor(a) mediar o processo das relações interculturais de maneira positiva, mesmo sabendo que esse processo também não elimina a possibilidade de confronto, mas que é através dos processos contínuos de convívio com a alteridade que será capaz de destituir os preconceitos consolidados na sociedade sobre as distintas culturas. Partindo primeiramente sobre a nossa cultura brasileira que já se iniciou com violência sofrida pela colonização europeia que chegando ao Brasil impõe seus costumes culturais como: valores, religião, dialeto, vestimentas dentre tantos outros hábitos que contribuiu para a construção de um país injusto, desigual e que desconhece a si mesmo, afastando a sua gente da própria origem, apagando da memória do seu povo o verdadeiro sentido da sua ancestralidade genuína nascida com os povos originários que aqui já habitavam. É através dessa aproximação (muito das vezes dolorosa) com o passado que poderemos lembrar quem somos e de onde viemos como comunidade, para que possamos melhor entender o início desses conflitos e como através deles é que nos constituímos culturalmente como povo brasileiro.

ENSAIO VISUAL 6

As instituições de ensino têm produzido situações de exclusão, muitas vezes pautado por um projeto educacional elitista, meritocrático e homogeneizador, prejudicando a oportunidade de um ensino mais igualitário, e multicultural. Este tipo de ensino homogeneizador e castrador é capaz de produzir e reproduzir as desigualdades sociais decorridas deste tipo de sistema, fazendo repercutir no caminho do aluno e em sua vida como um todo, pois é no decorrer dessa estrada que muitos são deixados para trás. Poder ensinar e aprender com as diferenças existentes no mundo cria novas oportunidades. As pessoas com autismo, além de serem diferentes (afinal, todos nós somos), possuem suas particularidades e precisam que sejam respeitadas, conhecidas, amparadas e estudadas com sensibilidade. Trabalhar com a aprendiz Néa me proporcionou abrir as portas para a melhor compreensão das emoções do outro, e conseqüentemente das minhas também.

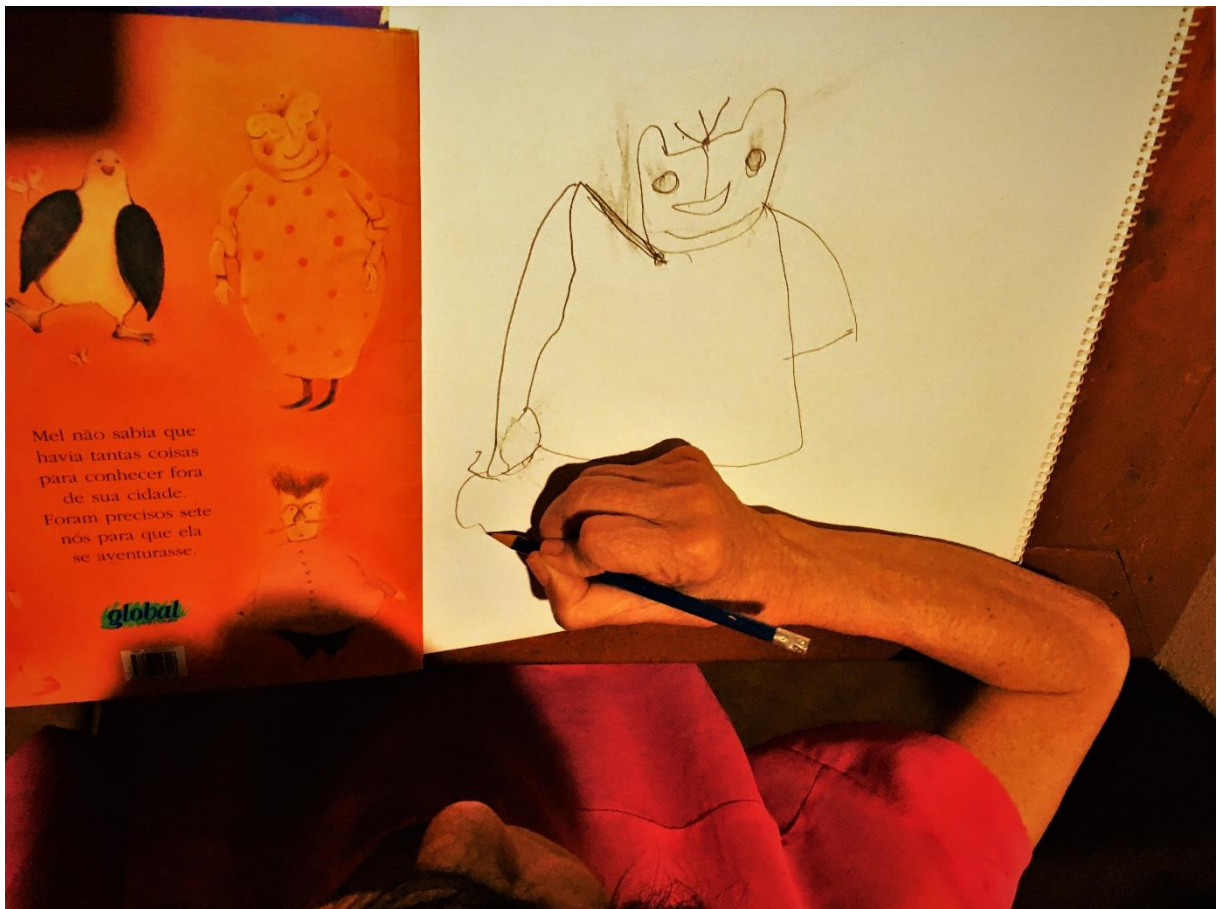


Figura 22. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 23. Fonte: Arquivo pessoal. 2020.



Figura 24. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 25. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.

6. “TODOS IGUAIS E TÃO DESIGUAIS”

Ninguém = Ninguém

Há tantos quadros na parede,
 Há tantas formas de se ver o mesmo quadro.
 Há tanta gente pelas ruas.
 Há tantas ruas e nenhuma é igual a outra.
 Ninguém é igual a ninguém.
 Me espanta que tanta gente sinta (Se é que sente) a mesma indiferença.
 Há palavras que nunca são ditas.
 Há muitas vozes repetindo a mesma frase.
 Ninguém é igual a ninguém.
 Me espanta que tanta gente minta (Descaradamente) a mesma mentira.
 Há pouca água e muita sede.
 Uma represa, um apartheid (A vida seca, os olhos úmidos).
 Entre duas pessoas entre quatro paredes, tudo fica claro e ninguém fica indiferente.
 Ninguém é igual a ninguém.
 Me assusta que justamente agora todo mundo (tanta gente) tenha ido embora.
 O que me encanta é que tanta gente sinta (se é que sente) ou minta (desesperadamente) da mesma forma.
 Todos iguais, e tão desiguais, mas uns mais iguais que os outros.
 (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1992).

Na música do grupo de rock brasileiro Engenheiros do Hawaii percebemos de maneira poética o fator discutido neste capítulo, a questão é que ninguém é igual a ninguém, e como essa percepção não pode e não deve passar despercebida ou indiferente dentro da sociedade. São os outros, aqueles que participam de uma outra história diferente da que já conhecemos que vão provocar dentro da nossa realidade o confronto com velhos paradigmas como etnia, religião, valores e tradição dentre outros, capazes de promover e incentivar a empatia em prol da alteridade. Os "outros", os que são diferentes, existem muitas das vezes perto de nós, ou até mesmo dentro de nós, mas não estamos acostumados a percebê-los, ouvi-los, reconhecê-los, valorizá-los ou mesmo interagir com eles. Na sociedade em que vivemos há uma dinâmica na elaboração de situações de divergência social e cultural, onde delimitam os “diferentes” em espaços “diferenciados” (limitados, excluídos, negligenciados). Multiplicando as grades, os muros, aumentando as distâncias entre as fronteiras, não somente as físicas, como também afetivas e simbólicas entre pessoas e grupos cujas identidades culturais se diferenciam seja por questões de pertencimento social, étnico, de gênero, religioso ou mesmo por diagnóstico de alguma deficiência física ou

psíquica ou de alguma síndrome, condenando essas pessoas ao isolamento social ou mesmo afetivo, privando-as de seus direitos cívicos e principalmente dos seus direitos humanos. Os conceitos de entrelugares, identidades e fronteiras são fundamentais para a execução e elaboração de estratégias pedagógicas que apostam nas diferenças.

O pensamento de fronteira concebido por Walter Mignolo (2003) compreende em minimizar os efeitos do eurocentrismo favorecendo um novo suporte para que possam surgir novas narrativas descentralizadas do conhecimento hegemônico valorizando a diversidade e as pluralidades existentes. O educador estadunidense Henry Giroux inspirado nos ideais de Paulo Freire declara que as instituições educacionais precisam começar a se preocupar menos com regras e práticas de dominação para pensar novos espaços interculturais abertos para receber diferentes interesses sócio culturais. Sobre isso Giroux (1999, p. 41). diz:

Primeiro, a categoria de fronteira assinala um reconhecimento daquelas margens epistemológicas, políticas, culturais e sociais que estruturam a linguagem da história, do poder e da diferença. A categoria de fronteira também prefigura a crítica cultural e os processos pedagógicos como uma forma de transpor fronteiras. Ou seja, ela assinala formas de transgressão em que as fronteiras existentes forjadas na dominação podem ser desafiadas e redefinidas. Segundo, também se refere a necessidade de criar condições pedagógicas em que os alunos passem a transpor fronteiras para compreender o Outro em seus próprios termos, e de criar outras regiões fronteiriças em que os diversos recursos culturais permitam a composição de novas identidades dentro das configurações de poder existentes. Terceiro, a pedagogia de fronteira torna visíveis as limitações e os pontos fortes histórica e socialmente construídos daqueles locais e fronteiras que herdamos e que estruturam nossos discursos e nossas relações sociais.

De acordo com a escritora, professora e intelectual negra insurgente bell hooks “nenhuma educação é politicamente neutra” (2013, p.53) Mas tornar os espaços de aprendizado e convivência em ambientes democráticos e acessíveis é um papel do educador(a). Mediando assim os conflitos gerados pela experiência do contato com as diferenças sendo elas sócio culturais, geográficas, de gênero, etnia ou condição específica como deficiências ou síndromes psicológicas, todos merecem um ambiente seguro de aprendizado opondo-se ao sistema de “educação bancária” que Freire combatia, sistema esse que trata os alunos como consumidores meramente passivos.

Para Paulo Freire, o sentimento de comunidade gera a sensação de compromisso em conjunto em prol de um objetivo em comum, nesse caso o desejo de aprender.

Para hooks uma forma de construir esse sentimento de comunidade é reconhecer o valor da voz de cada um. [...] “Ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento. Também garante que nenhum aluno permaneça invisível.” (2013, p.58). Garantir esse lugar de fala para quem não tem voz ouvida, ou seja, para quem não consegue de maneira autônoma garantir seu direito de expressão isso é papel fundamental do professor(a) identificar e se posicionar em favor dessa dificuldade que começa primeiramente dentro da sociedade formando preconceitos e discriminação que adentram no âmbito educacional oprimindo as diferenças e os contrastes por medo do desconhecido. Sobre isso hooks (2013, p.63) diz:

Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora.

É comum ainda encontrar instituições e professores(as) que defendem a educação bancária, conservando os alunos como interlocutores de uma informação generalizada, pronta e inquestionável difundida por essas instituições e por estes profissionais que temem ser deslocados deste lugar de poder onde sua posição não é confrontada, ou destituída, mas preservada e seus conhecimentos incontestavelmente são válidos e mantidos. Reconhecer esse lugar de poder e mesmo assim escolher não participar dele é a forma mais honesta e genuína de realmente querer aprender e ensinar como professor(a), pois é reconhecendo que sempre temos algo para aprender e conseqüentemente para ensinar que entendemos o verdadeiro caminho da Arte, de ensinar e aprender através das diferenças.

ENSAIO VISUAL 7

Participar da oportunidade de despertar o pensamento artístico juntamente com a minha aluna Silnéa, por meio do contato com a Arte, possibilitou ir além de estimular o pensamento. Caminhamos, juntas, para desenvolver o senso crítico e uma melhor compreensão das relações entre as emoções. E o fizemos auxiliando, estimulando, absorvendo, analisando e descobrindo novas formas de reaprender, ensinar e praticar, no fortalecimento do exercício da expressão artística. Por meio da arte, Néa pode, assim, expandir seus campos de ação, e a se expressar de maneira intuitiva, criativa e independente, em seus modos de agir e existir no mundo.



Figura 26. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 27. Fonte: Arquivo pessoal. 2021

7. “Aprendizado Como Revolução”

O objetivo de pesquisar e trabalhar em prol de um ensino mais inclusivo é poder almejar que ele se torne mais justo e acessível, e que a integração da alteridade dentro das instituições e dos corações dos educadores seja tamanha ao ponto dela estar ali mesmo quando não houver ninguém “precisando”, Afinal que tipos de sujeitos queremos formar? Consolidar esse lugar de integração das diferenças é essencial para uma nova educação baseada no respeito e admiração ao próximo, é estimular o encontro com as diferenças ambicionando a riqueza de aprendizados e de saberes adquiridos através da compreensão em reconhecer o outro como também detentor de conhecimento e sabedoria.

Para hooks foi dentro das instituições de ensino em que ela incorporou na sua metodologia a educação como prática da liberdade, foi percebendo as desigualdades do ensino decorrente dos problemas sociais do sistema opressor que ela toma como método o “aprendizado como revolução” (2013, p.10) Os diagnósticos do autismo e de outras síndromes ou transtornos normalmente são baseados em algum déficit, inabilidade ou até mesmo em fracassos, características consideradas não normais para um ser humano. Argumento um tanto complexo quando percebemos a pluralidade das formas de existir, não seria curioso poder ser percebido pelas suas qualidades e habilidades ao invés do contrário, mas não é assim que acontece. Neste mundo as diferenças são julgadas e condenadas muitas das vezes ao isolamento. Sabemos que a homogeneização é uma estratégia de controle dos corpos pela sociedade (FOUCAULT, 1997) O próprio modelo do que é considerado “normal” ou “anormal” faz parte de uma construção social que alimenta o produtivismo capitalista, enfatiza a hegemonia e segrega os indivíduos. É irreal e desonesto diagnosticar que algumas habilidades são mais importantes do que a outras ou que a falta de algumas compromete o indivíduo como um todo, em vista da complexidade que é existir. De acordo com Donnellan (2010, p.86 - 87):

Para compreender melhor o desenvolvimento dos organismos é preciso pensar que somos sistemas complexos e cooperativos que se auto-organizam. [...] Todas as habilidades vêm à tona e se manifestam na medida que o contexto solicita e fornece os meios apropriados. Todos possuem um

raio muito amplo de habilidades. não seria útil saber fazer coisas somente de um determinado modo.

Donnellan enfatiza que é desafio do professor desenvolver projetos não excludentes que abrace todos os seus aprendizes, e que as instituições de ensino também não se desresponsabilizem pelo processo de aprendizagem dos alunos. E que possamos sempre estar a postos a desconstrução em prol de evoluir, de aprimorar e ir além de incluir, mas de aceitar e respeitar as diferenças, exaltando suas qualidades e não à falta de habilidades considerando as particularidades, os limites e as possibilidades de cada um. Afinal é também através das relações sociais com o outro que o progresso no desenvolvimento é possibilitado (VYGOTSKY, 1989). Oportunizando para este aprendiz um lugar mais justo de equidade, reconhecendo a capacidade de aprendizagem neste aluno e de desenvolvimento independente de suas necessidades específicas ou de suas condições sejam elas físicas, mentais, étnicas ou sociais.

ENSAIO VISUAL 8

Conhecer a pessoa que aprende na interlocução com você, tendo em conta seus eixos de interesse, é condição basilar para o sucesso nos processos de aprender. É preciso atenção às suas afinidades, para desenvolver inusitadas possibilidades apurando as inclinações empíricas. Poder pesquisar e descobrir os eixos de interesse da Néa me possibilitou explorar aquilo que ela gostava e mostrava ser capaz de fazer, sempre respeitando as suas limitações, promovendo e valorizando seus pensamentos, desejos e habilidades. Aprendi valorizar cada uma de suas descobertas, as pequenas conquistas ante suas dificuldades, e a admirar sua subjetividade.

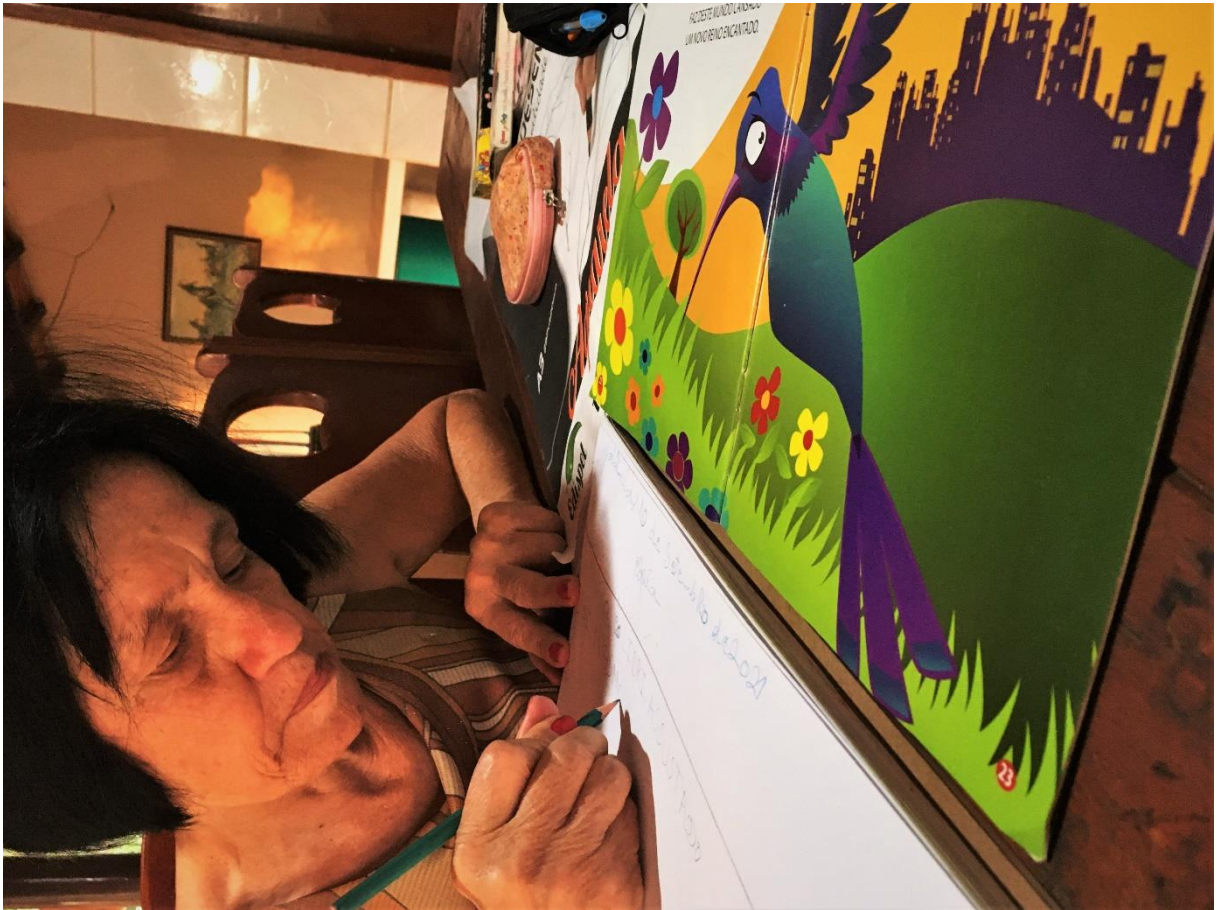


Figura 28. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 29. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 30. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.

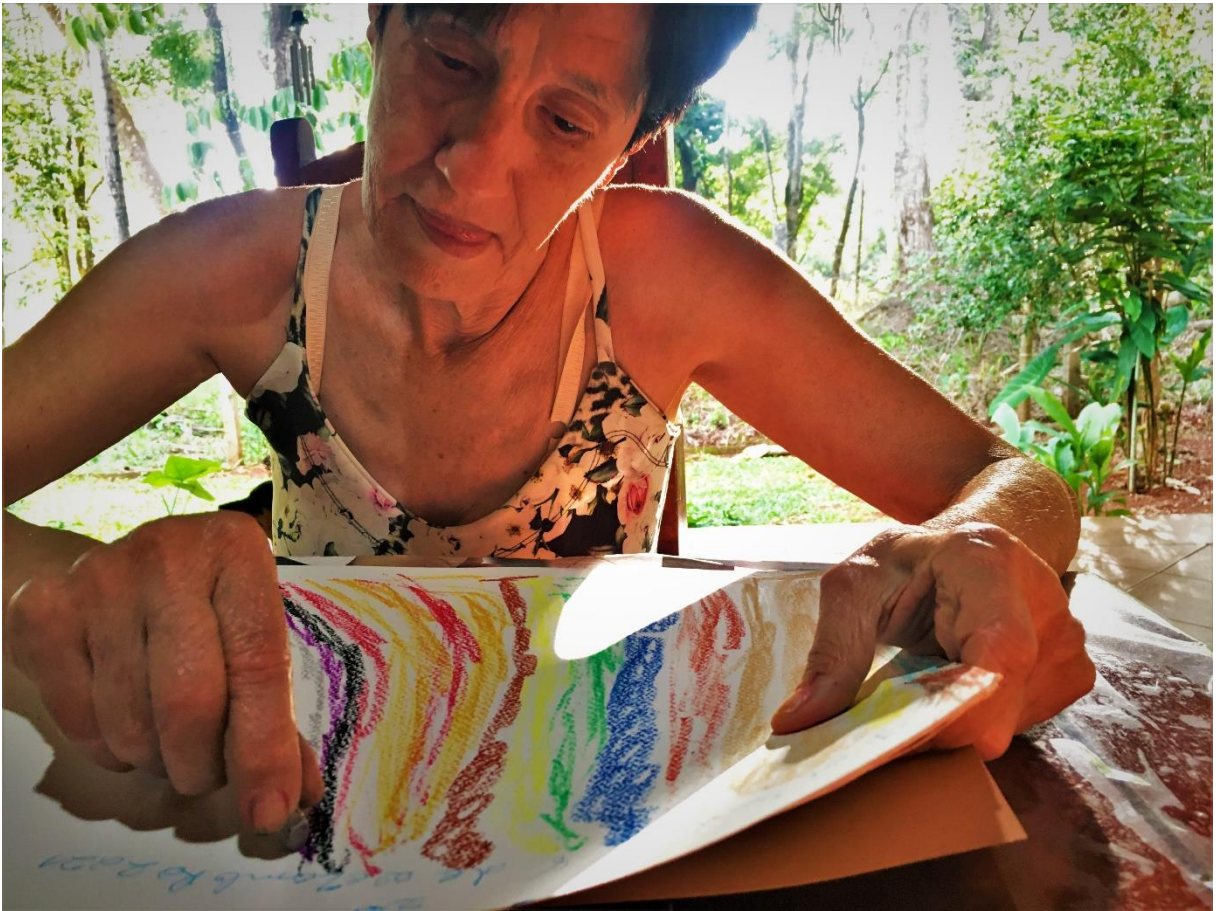


Figura 31. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.

8. O OUTRO, E O ENCONTRO ENTRE AS DIFERENÇAS

A arte tem se apresentado na história da humanidade desde os tempos mais remotos, quando as pinturas rupestres eram estampadas nas paredes de rochas em misteriosas cavernas, nascendo ali a primitiva linguagem humana. Sabemos através de estudos científicos que essas pinturas detinham distintos significados desde comunicar simples acontecimentos como alertar possíveis perigos, se fundindo em uma missão, a de transmitir conhecimento através destes registros do que milhares de anos mais tarde se tornaria à partir da perspectiva da civilização moderna entendida como arte.

Desde então a arte vem sendo questionada sobre seu papel dentro da sociedade, afinal para que serve a arte? Em um mundo tão cheio de violências e guerras querer fazer arte parece um pouco utópico para realidade dos tempos, mas é a partir deste embate que podemos perceber o quanto ainda é importante a arte na vida dos seres humanos mesmo nos dias de hoje. A reflexão que pretendo trazer para o entendimento da importância do fazer arte é demonstrar que não é somente sobre dominar distintas técnicas, mas sim sobre a importância da construção da sensibilidade, não que ela seja somente alcançada através da arte, mas deveras é reconhecido que é através dela que conseguimos experimentar diversas formas de se expressar, e que é por meio deste mecanismo que a sensibilidade consegue aflorar. É importante saber se expressar justamente para a melhor transmissão de saberes entre eu e o outro.

Sabemos que somos seres sociais, e vivemos em comunidade, pois precisamos um do outro para melhor entender o que somos. No texto “A arte no contexto escolar: um espaço de exercício da cidadania e, nela, de alteridade”, Alice Fátima Martins argumenta que a arte amplia a compreensão da pessoa a respeito de si mesmo e de sua condição de ser coletivo, agente cultural, no mundo (2000). Ora, podemos entender que é em conjunto que construímos a ideia de sociedade, e é a partir de dentro do contexto de comunidade que iniciamos a história que será transmitida através dos tempos de geração em geração configurando culturalmente um povo ou uma nação.

Aprendemos uns com os outros a construir nossa identidade cultural, e é através dela que reconhecemos ou desprezamos determinados conteúdos ou situações no mundo.

Reconhecer permite aproximar, analisar, desenvolver, explorar e até mesmo desdobrar novos aspectos, panoramas e composições enquanto desprezar participa da categoria de menosprezar, subestimar, desrespeitar, ignorar e muito das vezes rejeitar, é válido que em sociedade tendemos a se afastar do desconhecido e se aproximar do que é familiar, mas a construção de uma identidade cultural é mais ampla e complexa muito além de questões binárias de apenas reconhecer ou menosprezar.

Os interacionistas simbólicos George Herbert Mead importante filósofo e Charles Horton Cooley sociólogo norte americano apresenta uma concepção interativa do que seria o sujeito do iluminismo tal como sendo um indivíduo centrado, unificado, composto da competência da razão, da consciência e da ação, para eles a identidade cultural é formada através da interação do eu (essência interior) com o outro através do diálogo contínuo entre o (exterior) promovendo identidades culturais existentes no mundo. Na pós-modernidade a identidade se torna uma “celebração móvel” (Hall,1987) o sujeito se fragmenta não sendo mais unificado e estável, mas constituído por várias identidades.

O objetivo específico no desenvolvimento do encontro entre as diferenças é alcançar a “alteridade como poética de acolhimento do outro”, (MARTINS) e das diferenças que acompanham cada um de nós, Afinal somos seres únicos cada qual a sua maneira de ser, e independente da resultância do processo o mérito é sobre o encontro entre as pessoas, no compartilhar das experiências, fortalecendo os vínculos estreitando laços e multiplicando os afetos, pois é através do contato com o outro que não sou eu, que entendo melhor sobre o minha pessoa, e a partir daí consigo melhor me localizar no mundo e dentro de mim. Uma vez despertada a sensibilidade da alma, ela nunca mais volta a ignorar o que desconhecia. A empatia só é possível quando reconhecemos as semelhanças que temos nas diferenças, e é com base nela que aprendemos da melhor maneira nos humanizar.

ENSAIO VISUAL 9

Segundo Vygotsky, “a arte resolve e elabora aspirações extremamente complexas do organismo” (2001, p.309). Sim, a arte tem grande potencial para o desenvolvimento da sensibilidade humana. Mas ela não tem o poder de fazer desaparecer ou curar as dificuldades da vida. Não há dúvida, no entanto, que no encontro com o eixo de interesse desta pessoa aprendente, seja com a arte ou com outra linguagem, ela terá muito mais êxito em seu processo de aprendizagem se lhe for propiciado descobrir maneiras de se expandir, a partir daquilo que gosta de fazer. Assim, pode buscar a melhor maneira de se relacionar com as demais pessoas e também consigo.



Figura 32. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 33. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 34. Fonte: Arquivo pessoal. 2021.



Figura 35. Fonte: Arquivo pessoal. 2021

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

No caminho das artes não existe erros, mas tentativas capazes de construir e revelar um novo modo de perceber as coisas do mundo, por mais que a bagagem seja importante e necessária, é a viagem que me interessa nessa pesquisa, os caminhos traçados, os vínculos gerados, o conhecimento adquirido e partilhado, o propósito do trabalho é a boa relação dos encontros entre as diferenças, e que o convívio periódico com as diversidades existentes produz pluralidades de olhares e maneiras empáticas de viver, ultrapassando os paradigmas da homogeneização da educação que unifica, segrega e dissemina as desigualdades sociais que é cada vez mais alarmante e naturalizada na sociedade. Afastando culturalmente as pessoas, pensamento esse que incentiva o consumo descabido de aparatos e também de conceitos inúteis e fúteis descartando aprofundamentos e emancipando a banalidade.

Para Vasconcelos (1990, p.19):

O currículo é uma estrada por onde as crianças viajam, sob a orientação de um guia e companheiro experimentado, o educador. O efeito que a viagem terá sobre cada um dos viajantes será diferente, conforme as características, intenções e formas de ser individuais, e também de acordo com os contornos da estrada. Esta variabilidade é não apenas inevitável, mas maravilhosa e desejável. Não é possível prever os resultados ou a exata natureza do efeito no viajante, mas é posto grande ênfase na organização e planificação da viagem para que se torne uma aventura rica, fascinante e memorável (VASCONCELOS)

É papel do professor ser o mediador da viagem da busca do conhecimento, somos nós os guias deste percurso, e cabe a nós buscar as melhores maneiras de conduzir e atravessar as fronteiras já impostas no mundo. Utilizando de meios empáticos em prol da alteridade, reconhecendo e fortalecendo o outro, aquele que é diferente de mim e que venho de outro lugar assim como eu, que sou diferente também, e possuo distinta bagagem e conhecimento advindos de experiências e contatos com outras pessoas de outros meios, que também tiveram suas experiências e seus conhecimentos através de interação com outras pessoas, e assim sucessivamente, tecendo um caminho heterogêneo e multicultural em prol da comunhão de saberes, da soma do convívio do doar e receber.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. (2010). *Da interdisciplinaridade à interterritorialidade: caminhos ainda incertos*. Paidéia, 9, 11-29. Recuperado de <http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/1288>

BUSSOLETTI, Denise Marcos. Vargas, Vagner de Souza. Por entre fronteiras de uma pedagogia que pauta a educação pelas artes gingando saberes e práticas populares. *ExtraPrensa* (USP), Ano VIII, nº:14(42-48)), mês, junho/2014.

DONNELLAN, A. Diagnósticos e ficção. In: TUNES, E. & BARTHOLO, R. *Nos limites da ação: preconceito, inclusão e deficiência*. São Carlos: Edufscar, 2010, p. 79-90.

ENGENHEIROS DO HAWAII. Ninguém = Ninguém. In Gessinger, Licks e Maltz. LP. 5 min. 1992.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

FERNANDES, Lorena Barolo; SCHLESENER, Anita; MOSQUERA, Carlos, TEIXEIRA, Rosanny Moraes. Ensino de Arte e Autismo: Um Relato de Extensão. *Revista Educação, Artes e Inclusão*. Número 1, Ano 2012. Disponível em <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/3011>> Acesso em: 13 mar. 2022.

FOUCAULT, M. *Doença mental e psicologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Editora: DP&A, 2006

MANTOAN, M.T.E. *O direito de ser, sendo diferente, na escola*. R. Cej., n. 26, jul.-set/2004, p.36-44.

MARTINS, Alice Fátima. A arte no contexto escolar: um espaço de exercício da cidadania e, nela, de alteridade. In: *Revista Integração*. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, ano 12, edição especial, pp. 12 – 15, 2000.

MARTINS, Alice Fátima; ROCHA; Cleomar. Arte relacional em uma poética colaborativa: NÓS & NÓS. In MEDEIROS, Afonso; HAMOY, Idanise, (Orgs.) *Anais do 22º Encontro Nacional de Pesquisadores*. ANPAP; Belém, 2013.

MARTINS, Alice Fátima (codinome Gwavira Gwayá). Exercícios de alteridade – azul. In *Bloco de Notas e Rabiscos*. Blogspot. 2011. Disponível em <<http://blocodenotaserabiscos.blogspot.com/2011/11/exercicios-de-alteridade-azul.html>>. Acesso em 4 mar. 2022.

MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ORRÚ, Sílvia Ester. *Aprendizes com autismo: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes*/ Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

RAMPAZZO, Alexandre. *Se eu abrir essa porta agora*. São Paulo: Editora SESI-SP. 2018.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

TCC - “E SE EU ABRIR ESSA PORTA AGORA” ENSINAR E APRENDER: A ARTE DO ENCONTRO ENTRE AS DIFERENÇAS. Direção: Suzane Oliveira. Duração: 11,57 min. Digital. Cor. Brasil, 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=u6N5-nf7kQ8&ab_channel=SuzaneOliveira>. Acesso em 13 abr. 2022.

VASCONCELOS, T. Trabalho de Projeto como “Pedagogia de Fronteira”. In: *Da Investigação às Práticas*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa. I (3), p. 8-20, 2011.



FACULDADE DE ARTES VISUAIS
Universidade Federal de Goiás
Licenciatura em Artes Visuais
2021

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE - PAIS/RESPONSÁVEIS

Você na qualidade de responsável por ...Silnéa Victória de Castro....., está sendo convidado (a) a consentir que o(a) que a participante participe, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “E Se Eu Abrir Essa Porta Agora” Ensinar e aprender: a Arte do encontro entre as diferenças. Meu nome é Suzane Oliveira de Andrade sou o(a) pesquisador (a) responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Arte educação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir a participação neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail suzane.oliveira.andrade@gmail.com ou profalice2fm@ufg.br que é a orientadora do projeto de pesquisa, através de contato telefônico para o número 62 995305290, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Goiás (CEP/UFG) pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino. **O CEP-UFG é uma entidade**



independente, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, no âmbito de suas atribuições, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral desenvolver métodos e ações que auxiliem o professor em desenvolver suas aulas com alunos com autismo. A participação da aluna convidada sob a sua responsabilidade é importante para a realização desta pesquisa que tem o título “E Se Eu Abrir Essa Porta Agora” Ensinar e aprender: a Arte do encontro entre as diferenças. Caso a aluna se sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade de recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma.

A participação na pesquisa será voluntária, portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação, caso haja despesas, elas serão ressarcidas.

Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei.

O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da aprendiz na pesquisa será preservada.

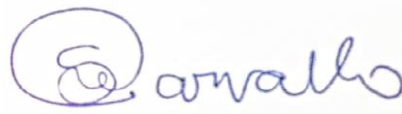
A divulgação do Nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que rubriche no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

() Permito a identificação da aprendiz sob minha responsabilidade nos resultados publicados da pesquisa.

() Não permito a identificação da aprendiz sob minha responsabilidade nos resultados publicados da pesquisa.

EuSilmara Epifânia de Castro Carvalho, abaixo assinado, autorizo...Silnéa Victória de Castro....., a participar do projeto intitulado “**E Se Eu Abrir Essa Porta Agora**” **Ensinar e aprender: a Arte do encontro entre as diferenças**”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável **Suzane Oliveira de Andrade** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, ...13..... de ...março..... de ...2022.....



Assinatura por extenso do(a) participante



Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável



FACULDADE DE ARTES VISUAIS

Universidade Federal de Goiás

Licenciatura em Artes Visuais

2021

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada.

“E Se Eu Abrir Essa Porta Agora” Ensinar e aprender: a Arte do encontro entre as diferenças. Meu nome é Suzane Oliveira de Andrade, sou pesquisador (a) responsável e minha área de atuação é a Arte e Inclusão. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail suzane.oliveira.andrade@gmail.com e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62) 995305290. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que é a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral acompanhar, analisar e relatar os processos de ensino e aprendizagem alcançados durante a pesquisa de campo). Através de anotações, registros de vídeos e fotos e para isso deverá reservar um período de março de

2021 a setembro de 2021. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Toda pesquisa pode oferecer riscos, tais como o cansaço para executar as atividades propostas pela pesquisa, constrangimento e riscos emocionais, como os potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios. Os benefícios que a presente pesquisa pode trazer como evidenciar através do trabalho de campo como o ensino de arte pode estimular o uso da criatividade e como isso pode melhorar na forma de se expressar auxiliando no entendimento das emoções.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificá-lo, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da coleta é necessário o seu consentimento faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão.

Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

() Autorizo o uso de minha voz em publicações.

() Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

() Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também, a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

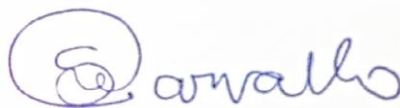
() Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

() Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito da Pesquisa:

Eu, Silmara Epifânia de Castro Carvalho, responsável legal pela Silnéa Victória de Castro, concordo em autorizar a participação da minha irmã no estudo intitulado “E Se Eu Abrir Essa Porta Agora” Ensinar e aprender: a Arte do encontro entre as diferenças.. Informo ter 58 anos de idade e destaco que a participação da Silnéa Victória de Castro nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável **Suzane Oliveira de Andrade** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, ..13..... demarço..... de ..2022.....



Assinatura por extenso do(a) participante



Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável